

ISSN 0101-3335

LETRAS DE HOJE

Nº 142

DEZEMBRO DE 2005



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Curso de Pós-Graduação em Letras



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS – PUCRS

ISSN 0101-3335

Letras de Hoje

Estudos e debates de assuntos de lingüística,
literatura e língua portuguesa

Chanceler
Dom Dadeus Grings

Reitor
Joaquim Clotet

Vice-Reitor
Evlázio Teixeira

Chefe de Gabinete
Leonardo Fabbro

Pró-Reitor de Administração e Finanças
Paulo Roberto Girardello Franco

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários
Jacqueline Poersch Moreira

Pró-Reitora de Graduação
Solange Medina Ketzer

Pró-Reitor de Extensão Universitária
Roberto Astor Moschetta

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Jorge Luis Nicolas Audy

Diretora da Faculdade de Letras
Maria Eunice Moreira

Diretor da Revista
Eivo Clemente

**Conselho Editorial
para Assuntos Lingüísticos**
José Marcelino Poersch, Leonor Scilar Cabral,
Lecl Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,
Láda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hermadorena

**Conselho Editorial
para Assuntos Literários**
Gilberto Mendonça Telles, Regina Zilberman,
Petrona Domínguez de Rodrigues Pasquês,
Urbano Zilles, Maria Eunice Moreira,
Carlos Alexandre Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas
devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Preços para o ano de 2005
Assinatura anual:

Brasil	R\$	38,00
Exterior	US\$	34,00
Número avulso	R\$	14,00

Forma de pagamento:

Cheque nominal para
EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 – Porto Alegre-RS, Brasil
Fone/Fax: (51) 3320.3523
E-mail: edipucrs@pucrs.br
<http://www.pucrs.br/edipucrs/>

Os artigos para publicação
devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje
Pós-Graduação em Letras – PUCRS
A/c Prof. Eivo Clemente
Caixa Postal 1429
90619-900 Porto Alegre-RS, Brasil

A revista aceita permutas.
On demande échange.
We ask for exchange.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos,
mesmo que não sejam utilizados.

Impressão: EPECE
Composição: SULIANI

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras.
PUCRS, -n. 1 (out. 1967)-, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967-
v.; 22 cm
Trimestral.
ISSN 0101-3335
1. Lingüística – Periódicos 2. Literatura – Periódicos
I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.
CDD 405
805
CDU 8(05)

Publicação indexada em CLASE (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades)
Índices para Catálogo Sistemático
Lingüística: Periódicos 80(05)
Literatura: Periódicos (82/89) (05)
Periódicos: Lingüística (05)80
Periódicos: Literatura (05) 82/89

Programa de Pós-Graduação em Letras
PUCRS

Sumário

Apresentação <i>Elvo Clemente</i>	5
Dossier Erico Verissimo	
Uma história dos efeitos <i>Maria da Glória Bordini</i>	7
<i>Noite: o indizível e o desnudamento do sujeito</i> <i>Maria Luiza Ritzel Remédios</i>	15
A conquista do jovem leitor <i>Regina Zilberman</i>	23
As várias imagens de Erico Verissimo <i>Karina Ribeiro Batista</i>	31
Ensaaios	
Nas instâncias de <i>São Bernardo</i> : quatro espaços de circulação da memória <i>André Luis Mitidieri-Pereira</i>	45
Benjamim Costallat: reinvenção futurista e ampliação do público carioca nos anos 20 <i>Andréa Portolomeos</i>	65
O conto sul-rio-grandense contemporâneo: dos anos 90 ao novo século XXI <i>Antonio Hohlfeldt</i>	83
Os limites da tradução nos limites do texto. Como ler <i>Finnegans Wake</i> e escrever <i>Finnicius Revém</i> <i>Ian Alexander</i>	101

<i>Édipo Rei: a tragédia do saber que emerge do corpo</i> <i>Kathrin Holzermayr Rosenfield</i>	109
Do livro ao filme: um "crime" que atravessou séculos <i>Monica Figueiredo</i>	127

Apresentação

No mês em que Erico Verissimo completaria cem anos, *Letras de Hoje* homenageia-o com a publicação de um dossier, contendo ensaios sobre sua obra e a recepção de que foi objeto. Os estudos que se seguem utilizam-se de material originário e produzido pelos pesquisadores do Acervo Literário de Erico Verissimo, gerido pelo Centro de Memória Literária, sob a coordenação de Maria da Glória Bordini. A autora do ensaio de abertura do dossier dedica-se à organização e divulgação do acervo há quase um quarto de século, conferindo àqueles arquivos a qualidade e a respeitabilidade que os tornaram referência nacional e internacional.

Os estudos abrangem facetas distintas do escritor: o romancista, o narrador para jovens e crianças, e até mesmo o fotógrafo, personalidade que encampou uma tecnologia importante para o registro de lembranças e espaços, conforme documenta o livro *Solo de Clarineta*, dedicado à redação de suas memórias. Acolhendo esse material, *Letras de Hoje* não apenas comemora o centenário de um de seus maiores vultos artísticos e intelectuais, mas revela como a pesquisa voltada aos arquivos de escritores pereniza a ação desses últimos e possibilita à Universidade ocupar um importante lugar na cultura, tanto numa perspectiva local, quanto global.

Não menos significativos são os estudos subseqüentes, que aproximam pesquisadores experientes, autores de obras de referência no âmbito do conhecimento da literatura, e jovens pesquisadores, recém egressos ou ainda alunos dos programas de pós-graduação em Letras. Periódico que em breve completará quarenta anos de existência, valorizado durante todo esse tempo por sua

regularidade e pela qualidade dos ensaios que publica, *Letras de Hoje* mostra-se revista sempre nova e atenta, ao propiciar a todos, sem discriminação de teorias, faixa etária, grau de formação ou lugar de atuação, oportunidade para expor sua produção científica, abrindo-a à difusão e ao debate intelectual.

ELVO CLEMENTE,
Diretor

Uma história dos efeitos

Maria da Glória Bordini
PUCRS

Assim como os paradigmas das teorias literárias têm alterado seus modos de compreensão da literatura, incluindo o processo social, as transformações políticas e considerando os sujeitos, as condições materiais, o local e o momento em que se produzem e se recebem os textos, a idéia aqui é verificar como se modifica a escrita da história da literatura, a partir das avaliações críticas que se exercem sobre um sujeito-autor, Erico Verissimo, e sua produção, e que constituem para ele uma posição móvel no cânone literário.

Assume-se, para tanto, a indistinção de fronteiras entre sujeito e objeto, com a contínua construção de um pelo outro, como defende a Nova História. Tanto a história quanto a crítica literárias são discursivamente expressas, dependem do lugar social de onde falam o historiador ou o crítico, de suas convicções pessoais e experiências de vida, de sua erudição ou intuição criativa, das pressões da instituição literária e dos processos que lhes conferem autoridade.

O problema básico da atividade crítico-historiográfica, porém, é que se persegue uma objetividade impossível, já que todo objeto literário é um cruzamento de discursos, em tempos diversos e não homogêneos. Como algo pode ser simultaneamente autêntico e encenado, se a atitude do sujeito não é espontânea, mas processada dentro de circuitos culturais prévios? Essa ambivalência se imbrica em toda atuação intelectual, por mais autoconsciente que seja. Dessa forma, a crítica e sua função seletiva se convertem em tarefa difícil, porque ao olhar para a obra, um produto acabado, não adivinha todos os fatores envolvidos nos processos de produção/recepção, ligados a existências individuais e únicas no tempo e no espaço, e, se quer alcançar texto, autor e contexto, estes forçosamente já vêm estilizados, tanto pelos discursos que os referem/interpretam, quanto pelo lugar ocupado pelo observador.

No Brasil do modernismo, a reflexão sobre a literatura, bem como sua avaliação, ou partiu dos próprios escritores – como é o caso de Mario de Andrade – ou fez-se ideológica, ao sabor das inscrições dos críticos nos movimentos de esquerda ou de direita. Entre 1930 e 1940, em meio à ditadura getulista, essas opções dividiram o terreno crítico e se enraizaram nas histórias literárias posteriores, que pendiam ou para a visão socialista ou para o esteticismo. Nos anos 1950 e 1960, com algum atraso no Brasil, os estudos literários de corte estruturalista separaram arte e vida, ficando com a imanência da primeira, pelo que foram denunciados pela rebelião dos jovens de 1968. Nos anos 1970 e 80, a teoria crítica alemã reviveu para legitimar um retorno à tradição iluminista como meio de emancipação. O autor deixou de ser visto como guardião de um bem intemporal e passou a ser encarado como produtor de uma anti-mercadoria que o salvaria da cooptação pelo mercado. Essa atitude supunha uma espécie de superioridade moral do artista, que a frustração das expectativas levantadas por 1968 veio desalentar, com a expansão da economia de mercado de forma globalizada.

A teoria literária contemporânea não autoriza convicções sobre a naturalidade dos eventos, a impermeabilidade entre arte e vida, a possibilidade de empregar a linguagem sem evitar a ficção lingüística de que falava Roman Jakobson, ou sobre a unidade do sujeito. Todas essas concepções, que desconstróem certezas arraigadas na tradição da historiografia literária brasileira, constituem um desafio ao pensamento crítico em que, em última análise, a História da Literatura se alicerça. Põem em dúvida a formação do cânone, a legitimidade dos processos de inclusão e exclusão de autores e obras do campo da arte literária e lançam sobre o exercício historiográfico a suspeita de que ele se apóia ou apoiou-se no passado em atitudes acrílicas quanto a suas próprias tendências.

Acompanhando historicamente a formação da fortuna crítica de Erico Veríssimo, é possível agrupar seus intérpretes de acordo com essa mudança de horizontes teórico-críticos e igualmente constatar como os processos avaliativos de sua obra o vão deslocando de diferentes posições estéticas e ideológicas, ao sabor das oscilações de mentalidade de época. Na coletânea intitulada *Caderno de Pauta Simples: Erico Veríssimo e a Crítica Literária*,¹ aparecem textos escolhidos por sua significação na construção da imagem do escritor e pela autoridade de seus autores, abrangendo a produção

¹ BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Caderno de pauta simples: Erico Veríssimo e a crítica literária*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005. 364 p.

de Veríssimo de 30 a 70 e cobrindo um espaço temporal que vai de 1932 a 2005. O conjunto de textos em geral vê o autor com benevolência, considerando-se que a crítica desfavorável circulou mais a boca pequena ou seus autores ficaram esquecidos na efemeridade dos jornais.

A antologia se abre com uma apreciação de 1932 de Augusto Meyer sobre o primeiro livro de Veríssimo, *Fantoches*: “acho que no livro apresentado agora, com todas as suas qualidades sutis, entrelinhado muitas vezes de segundas intenções e impregnado de um *humour* particular, ainda está muito apegado ao seu solilóquio de autor [...] e não conquistou o sentido do concreto, o poder objetivo, a força alucinada que obriga a gente a pensar diante de uma simples página impressa: isso vive” (p. 18). Seguem-se uma análise contextual, de viés social, de *Clarissa a Olhai os Lírios do Campo*, por Manoelito de Ornellas, exaltando a capacidade do escritor de produzir tipos memoráveis, datada de 1939; um trabalho sobre como a tradição social e histórica do Rio Grande aparece em *O Resto é Silêncio*, *O Continente e O Retrato*, por Carlos Dante de Moraes, com data de 1959; e um ensaio polêmico de Moysés Vellinho sobre *Noite*, entendendo a novela como um reflexo autobiográfico do autor, de 1955.

Reúnem-se, nessa primeira parte, testemunhos provenientes de colegas do escritor, co-partícipes de sua aventura pelo mundo do livro em torno da seção editora da Livraria do Globo. Esses críticos constituíam a nata da intelectualidade gaúcha nos anos de 1930 a 1950 e seus juízos, se não podem ser acusados de imparcialidade, sabem apontar o que consideram deficiências do amigo e editor. Unem-se, porém, no intento de promover a obra de Veríssimo como expoente da literatura sul-rio-grandense, a fim de mostrar que no Sul também existem autores de valor.

Numa virtual segunda seção da antologia, agrupam-se críticos de porte nacional, que atuaram principalmente nos anos 1960 e 1970, a começar pelo ensaio que redime a produção de Veríssimo aos olhos da academia, o de Antonio Candido, “Erico Veríssimo de 1930 a 1970”, legitimando todos os seus romances numa perspectiva estético-sociológica. Une-se a ele, como figura de humanista cristão, Tristão de Athayde, em artigo de 1972 sobre o antimachismo na literatura de Erico, mostrando como o repúdio à violência, no homem Erico, se traduz na desmitificação do macho na sua literatura. Jean Roche o segue no mesmo ano, exaltando o escritor moralista em *Incidente em Antares*, e Guilhermino César indica, em 1974, entre muitas figuras de linguagem, suas qualidades de memorialista em *Solo de Clarineta*: “Como esse, poucos livros de me-

mórias existem, entre os melhores de nossa língua, menos voltados para as exterioridades em que se afogam tantos bons espíritos neste país carnavalesco [...] Não cede às aparências, às frivolidades com que se divertem grandes homens de papelão.” (p. 109).

Dos anos 1980, em críticas nitidamente vinculadas à eclosão dos estudos literários universitários, têm-se Fábio Lucas, em 86, analisando as bases ficcionais e os recursos narrativos de *Incidente em Antares*. Também nesse ano, Marisa Lajolo aproxima Erico e Monteiro Lobato como escritores marcados pelos processos de modernização da indústria cultural brasileira, e Silviano Santiago trabalha a estruturação contrapontística de *Caminhos Cruzados* e *Clarissa*, relaciona-a a Mario de Andrade e seu *Macunaíma* e demonstra o domínio dos jogos ficcionais europeus pelo autor sulino. Dos anos 90, constata-se uma inflexão desses estudos para o questionamento das identidades nacionais, nos ensaios de Lucia Helena, que compara Erico a Alencar, em termos da narrativa de fundação, Nelson H. Vieira, que discute as imagens dos Estados Unidos em *Gato Preto em Campo de Neve* e *A Volta do Gato Preto*, numa perspectiva de estudos transculturais, e Renata Wasserman, que fala das representações do sujeito, da comunidade e da história nos livros de viagem aos Estados Unidos e em *O Senhor Embaixador*.

Dos anos 2000, a antologia inclui ensaios de: Flávio Loureiro Chaves, em que se examina com acuidade a “função do imaginário na fixação da identidade histórica de um povo e de uma nação” (p. 241); de Regina Zilberman, que descobre no Vasco de *Um Lugar ao Sol* e no Desconhecido de *Noite* uma nova espécie de *flâneurie* e inova assim a interpretação do romance urbano; de Maria de Fátima Marinho, sobre a focalização de Nova História com que Erico trata o seu *O Tempo e o Vento*; de Maria Aparecida Ribeiro, cotejando *As Aventuras de Tibicuera* com as obras didáticas historiográficas da época, e constando como o romance baralha seus limites e inverte posições; de Maria José Somerlate Barbosa, estudando as figuras femininas de Erico de acordo com o estágio mais avançado da crítica feminista; e de Antonio Dimas, examinando a correspondência entre Erico e Herbert Caro e a história cultural das parcerias fraternas entre os intelectuais brasileiros.

Pode-se verificar, nessa exposição brevíssima dos trajetos da crítica verissimiana, que, de um período de fixação no campo literário, através da voz de amigos e conterrâneos, sua obra vai alcançando repercussão nacional, primeiro do ponto de vista da crítica social-ideológica, depois sob o enfoque da crítica universitária teoricamente armada pelos estruturalismos e pós-estruturalismos, e finalmente, ainda na perspectiva da Universidade, de uma crítica

fundada principalmente nos Estudos Culturais e na reviravolta das noções sobre a História ocorrida com o advento da Nova História e de suas constatações quanto à narratividade subjacente ao ato de historiar.

Na modernidade, a tendência de ao mesmo tempo entregar ao sujeito todo o poder de determinação e de ocultá-lo sob a autonomia de sua obra é mais do que programática. Torna-se o *modus operandi* do pensamento cultural e afeta diretamente a chamada isenção científica. Nesse enquadramento de época, mesmo inconscientemente, o crítico se torna todo-poderoso, porque se esconde sob a máscara da impessoalidade e da objetividade, que, vicariamente, legitima suas subjetivas constatações analíticas e atribuições de valor.

Numa primeira fase dessa atitude moderna, o sujeito-crítico, ancorado numa formação intelectual sólida, analisa a obra sob a ótica de suas convicções políticas e humanistas. É a época das divisões de direita e esquerda, em que a questão da especificidade da arte literária não é posta, e sim sua ação moral sobre a sociedade. Conforme as concepções do social esposadas pelos críticos, a obra do autor é ou não louvada. Importa mais a impressão subjetiva do crítico, não havendo consideração para a diferença eventual de suas idéias ou experiências e as do autor criticado.

É nessa classe de crítica que se inserem as de Augusto Meyer, Manoelito de Ornellas, Carlos Dante de Moraes, e Moysés Vellinho, todas marcadas por um esteticismo construído através do estudo dos clássicos e dos autores europeus e por um sociologismo e psicologismo incipientes, em que o paralelo entre autor e obra é realizado sem mediações, adquirindo, com freqüência, matizes autoritários. Com maior latitude, mas ainda afetadas pela mesma tendência, poderiam nela situar-se as críticas de Jean Roche, que situa esse mesmo romance como um advento de moralidade, de Guilherme César, sobre as memórias de *Solo de Clarineta*, ou de Tristão de Athayde, sobre o antimachismo do romance verissimiano.

Numa segunda fase, a crítica moderna se exerce como se não tivesse sujeitos, com um corpo, desejos, formação, ideologia, lugar social e institucional. Vale o texto produzido, sua argumentação, sua descrição e análise afinadas com as teorias sempre em mutação, porque estas, por sua vez, também são vítimas da noção moderna de tempo como progressão para o futuro, como contínua ruptura, como novidade obsolescente. Nesse período, o sujeito-crítico brasileiro tenta associar uma nova preocupação com a forma da narrativa, advinda dos formalismos dos anos 20 a 40, com a

necessidade de dar conta de um engajamento social de caráter ideológico.

Nesse caso, podem-se considerar a crítica paradigmática de Antonio Candido sobre a literatura de Erico dos anos 30 aos anos 70, a de Fábio Lucas, sobre *Incidente em Antares* e seu compromisso social, e a de Flávio Loureiro Chaves, em que a análise da relação história-ficção no autor mostra sua raiz sociológica. Todos esses críticos apontam a denúncia dos males da sociedade, articulada a uma narratividade moderna, esteticamente eficaz, como o cume da produção do escritor.

A crítica da transição do milênio já se caracteriza pela presença maciça das teorias literárias vinculadas aos Estudos Culturais, como a de Lucia Helena, discutindo identidade e nação, a de Nelson Vieira, ou a de Renata Wasserman, sobre os intercâmbios culturais de Veríssimo. Também enquadram-se nessa área os trabalhos de Maria José Somerlate Barbosa, de matriz feminista, e o de Marisa Lajolo, associado à Sociologia da Cultura como Raymond Williams gostaria que fosse praticada.

A partir dessa perspectiva, poder-se-ia tachar a tendência dominante nos últimos anos de uma revisitação à História, tanto a História da Literatura, revisando versões estabelecidas – com recursos a documentação primária –, quanto à História da Crítica, deslocando valorações, numa atitude tipicamente pós-moderna de desconstrução e de recuperação daqueles momentos ignorados que trazem em si a semente da mudança, como queria Walter Benjamin.

No primeiro caso podem se classificar os trabalhos de Maria Aparecida Ribeiro, sobre o Tibicuera e seus paralelos nas histórias do Brasil para crianças, ou de Maria de Fátima Marinho, sobre a forma intersticial do romance histórico em *O Tempo e o Vento*. Também a nova valorização das fontes primárias, atitude que se pode entender como a busca do rastro daquilo que o tempo perdeu, num esforço para negar a efemeridade contemporânea, aparece no texto de Antonio Dimas sobre os contatos de Erico por carta com o amigo Herbert Caro. No segundo caso, destacam-se os trabalhos de Silviano Santiago, revelando a poética avant-garde da composição de *Clarissa*, e de Regina Zilberman, identificando no romance urbano de Veríssimo a idéia baudelairiana do flâneur.

Finalmente, quanto mais progride a fortuna crítica de Erico Veríssimo, mais se nota a inflexão de seus autores, de uma exigência de engajamento ideológico inequívoco, para a noção de agência que Edward Said defende em *The world, the text and the critic* como parâmetro de valorização da produção literária do escritor sulino.

Gradativamente, vai se insinuando no perfil traçado, tanto da obra quanto de seu autor, a valoração de um modo de ativismo em que, sem deixar de criar, de fazer ficção, de inventar formas de representação, o intelectual age sobre a sociedade, tentando, mesmo diante das dificuldades teóricas e práticas, apontar-lhe alternativas.

Dessa maneira, a obra de Veríssimo, ao longo do período de suas avaliações acumuladas, vai recebendo iluminações de novos ângulos teóricos, que possibilitam a revelação de qualidades estéticas antes despercebidas. A história dos efeitos dos juízos críticos exercidos sobre o romance do autor mostra uma gradativa ascensão na estrutura hierárquica do cânone da literatura brasileira, ascensão esta de início movida pela simpatia dos críticos em relação ao ideário humanista de um escritor reconhecidamente ciente de sua função social, e depois impelida pela descoberta de valores não apenas ideológicos, mas estéticos, propiciada por novos conceitos a respeito das artes da linguagem, trazidos pela teoria ao sistema literário nacional.